

## NEGRITUDE E ENVELHECIMENTO: CAMINHOS PARA O EMPODERAMENTO NA TERCEIRA IDADE

Marcela Tavares Silva Ribeiro<sup>1</sup>  
Davi Cerqueira da Silva<sup>2</sup>  
Cecília Raquel Climério da Costa<sup>3</sup>  
Mayara Ribeiro de Queiroz<sup>4</sup>  
Edivan Gonçalves da Silva Júnior<sup>5</sup>

### RESUMO

Na perspectiva da psicogerontologia, a vivência do envelhecimento é multidimensional, sendo atravessada por nuances biológicas, psicológicas e sociais. Nesse sentido, através da concepção de Negritude, na qual, é definido como sentimento ou a vivência íntima do negro, o empoderamento de pessoas pretas e idosas é tolhido, tendo em vista a construção histórica da cultura negra no país enlaçada pelo preconceito, racismo e exclusão social de pessoas pretas. Por isso, o trabalho tem como objetivo analisar e discutir negritude e envelhecimento através de uma perspectiva do empoderamento da pessoa idosa preta como agente modificador da realidade social. Foram utilizados as bases de dados Google Scholar e Brazil Scientific Electronic Library Online (SCIELO), como descritores os termos: negritude, envelhecimento, pessoa idosa. Trata-se de uma revisão narrativa da literatura obtida a partir da seleção e análise de artigos científicos. Os artigos foram agrupados em dois núcleos temáticos: 1) Contexto racial de pessoas idosas no Brasil; 2) Envelhecimento, Negritude e caminhos para o empoderamento de pessoas idosas pretas. Percebeu-se a importância da relação entre empoderamento e velhice. À conclusão, a análise da literatura estudou-se os elementos cruciais para a evocação da criticidade e a promoção de reflexões no leitor, ampliando a representatividade da voz da negritude na terceira idade.

**Palavras-chave:** negritude, envelhecimento, pessoa idosa.

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba - PB, marcelatavribeiro@gmail.com;

<sup>2</sup> Graduado pelo Curso de Gestão Hospitalar da Universidade Federal - RN, davicerqueira583@gmail.com;

<sup>3</sup> Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba - PB, ceciliaraquelclimerio1@gmail.com;

<sup>4</sup> Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba - PB, mayararibeiro1@gmail.com;

<sup>5</sup> Professor orientador: Prof.º, Mestre, Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, edivangoncalves@servidor.uepb.edu.br.

## INTRODUÇÃO

O envelhecimento é um processo que ocorre ao longo de toda a vida, que envolve ganhos e perdas, dessa forma as experiências pessoais de cada indivíduo contribuem para como cada um enxerga a sua velhice. Dentro de um contexto social e histórico, perpassado por fatores econômicos, políticos e sociais, existem desigualdades quando se consideram os indicadores sociodemográficos e de saúde relacionados à população de pessoas idosas negras. Devido a práticas discriminatórias com base na raça, os idosos negros têm questões únicas que precisam ser enfrentadas na velhice (Rabelo *et. al*, 2018). Nesse sentido, no Brasil o empoderamento de pessoas pretas e idosas é *tolhido*, visto que a construção histórica da cultura negra no país é enlaçada pelo racismo estrutural.

A princípio, por sua conformação histórica, a *raça* opera a partir de dois registros básicos que se entrecruzam e se complementam: como *característica biológica*, em que a identidade racial será atribuída por algum traço físico, como a cor da pele, por exemplo e como *característica étnico-cultural*, em que a identidade será associada à origem geográfica, à religião, à língua ou outros costumes, “a uma certa forma de existir” (Almeida, 2019).

Para Silvio Almeida (2019) o racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam. Dessa forma, o racismo – que se materializa como discriminação racial – é definido por seu caráter *sistêmico*, ou seja, o racismo é estrutural, em decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares (Almeida, 2019).

No entanto, apesar das impossibilidades estruturais de atravessamentos do racismo ao longo da vida que limitam as condições de um envelhecimento saudável, conforme preconizado pela Organização Pan-Americana da Saúde (WHO, 2005), a velhice negra é composta não apenas de resistência e combate ao racismo, mas também pela participação e protagonismo dos velhos e velhas em diversos âmbitos sociais.

Nesse sentido, a *emancipação* deve encontrar sua experiência em nós mesmos; ela não pode ser externa a nós e imposta por outros que não nós próprios; deve ser derivada da nossa experiência histórica e cultural particular (Gonzalez, 2020 *apud* Asante, 1980). Inicialmente, a

concepção de *Negritude* é definida pelo poeta e político martinicano Aimé Césaire, como sentimento ou vivência íntima do negro. Para Césaire, a *Negritude* é o simples reconhecimento do fato de ser negro, a aceitação de seu destino, de sua história, de sua cultura. Posteriormente, ele a define em três palavras: identidade, fidelidade e solidariedade (Munanga, 2020).

A identidade consiste em assumir, com orgulho, a condição de ser negro, despojando-se de significados passados. A fidelidade repousa numa ligação com a terra-mãe (África), cuja herança deve demandar prioridade. E por fim, a solidariedade é o sentimento que nos liga intimamente a todos os irmãos negros do mundo. Segundo Munanga (2020), a negritude torna-se uma convocação permanente a todos os herdeiros dessa condição para o engajamento em reabilitar os valores de suas civilizações destruídas e de suas culturas negadas.

Segundo Souza (2021), saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas é também, sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades. Em vista disso, percebeu-se a importância da relação entre empoderamento e velhice de pessoas idosas pretas a partir de uma perspectiva de entrelaçamento entre negritude e envelhecimento posicionada por Frantz Fanon (2008) e Lelia Gonzalez (2020) em que o negro faz-se *humano* com a *Negritude* e com a consciência negra, que constituem a reação intelectual e política contra as condições impostas a ele pelo racismo.

## **METODOLOGIA**

Trata-se de uma revisão narrativa sobre o tema do envelhecimento negro, focando apenas em mapear o conhecimento produzido em determinada área, sem critérios sistemáticos para busca, retenção de artigos e extração de informações (Cordeiro et al., 2007; Rother, 2007; Soares et al., 2013). Sendo assim, é fundamental para a aquisição e atualização do conhecimento sobre uma temática específica, evidenciando novas ideias, métodos e subtemas que têm recebido maior ou menor ênfase na literatura selecionada (Elias et al., 2012).

Por se caracterizar como uma análise bibliográfica do eixo temático negritude e envelhecimento, foram selecionados artigos indexados nas mais diversas bases de dados, bem como utilizou-se de livros físicos de autores negros que abordam sobre o tema. O critério

utilizado na inclusão dos materiais foi buscar publicações que abordaram de forma explícita sobre como se dá o envelhecimento de pessoas negras, visando contemplar o maior número de informações referentes ao tema para esse estudo.

A partir disso, os materiais pesquisados foram analisados por meio da técnica de Análise Categral Temática proposta por Bardin (2011/1977), a fim de obter os procedimentos sistemáticos da organização e da descrição do conteúdo. Foi utilizado o critério de aproximação semântica, que resultou em categorias e subcategorias de análise sobre o tema específico.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **Contexto racial de pessoas idosas no Brasil**

Na *categoria 1: Contexto racial de pessoas idosas no Brasil* foram encontrados trabalhos que expõem a disparidade racial no Brasil de um cenário mais favorável para o envelhecimento dos idosos de cor branca em comparação com aqueles de cor parda ou preta. Tais disparidades são observadas principalmente no tocante aos indicadores sociodemográficos e às condições de saúde ou de uso e acesso aos serviços de saúde (Rabelo et al., 2018). As vulnerabilidades socioeconômicas e a ausência de fatores de proteção atravessam a vivência do envelhecimento para pessoas idosas pretas em decorrência de desigualdades entre os segmentos raciais que ainda continuam na velhice.

A respeito disso, lançamos mão da retrospectiva histórica proposta por Gonzalez (2020), em que a marca social estruturada de forma hierarquizada não deixa espaço para qualquer tipo de igualdade, principalmente para com os grupos étnicos diferentes, que se tornaram uma herança a ser carregada pelas sociedades latino-americanas (Jabert, 2022). Os séculos de escravização da população negra influenciaram negativamente na inserção dessa população na sociedade brasileira, contribuindo para um desigual e desfavorável acesso a direitos e oportunidades, inclusive à saúde. Estas características se refletem no quadro epidemiológico dessa população, evidenciando iniquidades e vulnerabilidades no acesso às condições promotoras de saúde (Silva et al., 2018).

Em trabalho realizado por Silva et al. (2018), no tocante à situação econômica, os idosos pretos e pardos foram, proporcionalmente, os que mais responderam não possuir renda

suficiente para suas despesas diárias e os que mais trabalhavam na época da pesquisa. Nesse sentido, a população afrodescendente apresenta maior pobreza (brancos ocupando o ranking de 1% com maiores rendimentos, e pretos ou pardos entre os mais pobres), menor frequência escolar e menor acesso ao ensino superior entre jovens, maior incidência de analfabetismo e menor proteção pela previdência social (empregados com carteira de trabalho assinada, militares e funcionários públicos estatutários) (Brasil, 2016).

Logo, no seguimento (coorte) de base populacional de 2010 realizado pela Estudo Saúde, Bem-Estar e Envelhecimento (SABE) os piores níveis de escolaridade foram encontrados entre pessoas idosas pretas e pardas, elas apresentaram as maiores proporções acerca de não saber ler/escrever um recado, denotando a condição de analfabetismo, como também os mais baixos valores médios em número de anos de escolarização. Tanto os resultados relativos à renda quanto os de escolaridade são consistentes em todo o território nacional. Vemos que o baixo nível de escolaridade e a baixa renda são indicadores de vulnerabilidade social, que têm efeitos cumulativos prejudiciais ao longo da vida e geram eventos estressantes que se associam às perdas ocasionadas pela diminuição da resiliência biológica e da plasticidade comportamental decorrentes do envelhecimento esperado (Silva et al, 2018).

De acordo com os dados do Censo de 2010, os pretos e pardos representavam a maioria dos indivíduos abaixo de 40 anos. Por outro lado, os brancos representavam a maioria dos idosos – aqueles maiores de 65 anos e, principalmente, maiores de 80 anos – o que provavelmente está relacionado a disparidades na distribuição de renda, condições de vida e acesso aos serviços e cuidados de saúde (Brasil, 2016). Pelo perfil da PNAD 2012, os negros compõem 43,5% dos idosos acima de 65 anos e os brancos compõem 55,3%. O fato de haver um número maior de pessoas brancas na população de pessoas idosas brasileiras, em contraste com o percentual da população geral, demonstra mais uma condição de inequidade de pessoas pretas ao acesso à saúde.

Em relação à saúde mental dessa população - de acordo com dados coletados dos sistemas de informação em saúde do país Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM), Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH-SUS) e Sistema de Informações Ambulatoriais do SUS (SIA-SUS) - a diferença nas taxas de internação e mortalidade em alguns grupos raciais pode indicar disparidades no acesso a serviços de saúde mental. No entanto, os dados de internação são incompletos com o quesito raça/cor e há poucos estudos

sobre a prevalência de transtornos mentais segundo grupos raciais na população brasileira, o que dificulta a análise das desigualdades observadas nesses indicadores (Brasil, 2016).

Por um lado, pode-se dizer que o SUS (Sistema Único de Saúde) tem garantido um acesso razoável aos serviços de saúde. Por outro lado, os dados de mortalidade mostram que os pretos e os pardos têm uma proporção maior de morte precoce. Isso indica que é necessário realizar estudos que qualifiquem os atendimentos prestados para descobrir possíveis desigualdades nos serviços de saúde do SUS (Silva et al., 2018).

A Portaria nº 992/2009 que institui a “Política Nacional de Saúde Integral da População Negra” tem por objetivo “promover a saúde integral da população negra, priorizando a redução das desigualdades étnico-raciais, o combate ao racismo e à discriminação nas instituições e serviços do SUS” (Brasil, 2009). Nesse sentido, observar os processos de discriminação dentro dos serviços de saúde considerando que o racismo é um determinante social dos processos de saúde e doença, configura um indicador significativo da responsabilidade social exigido das instituições no enfrentamento das desigualdades associadas à raça ou cor da pele.

O envelhecimento “bem sucedido” requer oportunidades contínuas de saúde, também necessita da participação e da segurança dos sujeitos, enquanto que o ser ativo diz respeito à participação na sociedade de acordo com suas necessidades, desejos e capacidades, de acordo com a Organização Mundial da Saúde no projeto político de “Envelhecimento Ativo” (WHO, 2005).

### **Envelhecimento, *Negritude* e caminhos para o empoderamento de pessoas idosas pretas**

As(os) velhas(os) carregam não apenas a resistência, mas a ancestralidade, a memória coletiva e a conexão entre as gerações, os momentos de participação social e criações artísticas não se limitam ao tempo e unem gerações, promovendo vitalidade e características psicológicas, como a ampliação da consciência para a comunidade (Rabelo; Santos, 2022; Corrêa, 2021). Assim, dentro da categoria 2: *Envelhecimento, Negritude e Caminhos para o empoderamento de pessoas idosas pretas*; foram discutidos os trabalhos relacionados à ancestralidade e ao protagonismo negro e sua representação através de fazeres, saberes e memórias.

O universo de referência do samba e das atividades carnavalescas estabelecem sentidos distintos para saúde e velhice, principalmente na subjetividade dos/as idosos/as

pretos/as, pois o bem-estar na velhice não é uma responsabilidade individual, mas, sobretudo, coletiva. Os idosos e, ainda mais, as mulheres idosas no universo do samba são pouco valorizadas (Corrêa, 2021).

Na pesquisa realizada por Corrêa (2021), Dona Ivone Lara, enfermeira, terapeuta ocupacional na área da saúde mental no Brasil, tornou-se sambista com quase cinquenta anos, sendo exemplo de compositora de samba, assim como Dona Irene, outra participante, que também foi educada para ser esposa e dona de casa e teve que enfrentar a resistência e a predominância masculina nesse universo. Em um dos relatos, vemos que a participação de Dona Irene na Escola de Samba Rosa de Prata permitiu sua conexão com a participação política. Adentrando movimentos locais como Diretas Já, Comunidade e Democracia e Movimento Negro, além de ser filiada ao Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB). Ela também fez excursões com os moradores do bairro. Como resultado, a sua participação no mundo do samba lhe permitiu uma intensa convivência social e lhe possibilitou exercer sua cidadania participando de movimentos políticos e sociais (Corrêa, 2021).

Atravessado pela lógica hegemônica, mas atualizando elementos da cultura africana diaspórica presentes na sociedade brasileira, o mundo do samba se constitui como um espaço de *encruzilhada*, espaço afeito a tensionar e subverter o disciplinamento e normalização dos corpos na compreensão da vida como cruzamento de caminhos (Simas; Rufino, 2018 *apud* Castro et al., 2021).

No trabalho realizado por Castro et al. (2021), são contempladas análises de uma incursão etnográfica ao mundo do samba como experimentado e produzido pelas mulheres da Ala dos Cabelos Brancos, do Grêmio Recreativo Escola de Samba Império Serrano (Rio de Janeiro). No entanto, apesar da homogeneidade do público da "terceira idade", as mulheres da Ala dos Cabelos Brancos não construíram para si esse lugar de "pessoa idosa", não se reconheciam, nem se tratavam como "tias". Não se guiando pelo binarismo de velha/terceira idade construído socialmente mas pela garantia de que o corpo esteja/seja no mundo do samba. Na afirmação de sua liberdade como mulheres, elas falavam das relações afetivo-sexuais, familiares, de amizade e de trabalho.

Nesse sentido, a construção de uma identidade coletiva positiva e afirmativa é facilitada pela transmissão psíquica transgeracional dos laços de coesão entre mulheres negras, redes de suporte social e movimentos de resistência à superação do racismo. Na

família e no seu percurso psicoafetivo, começa o processo de resiliência e a disponibilidade de recursos internos que as ajudam, favorecem a autoconfiança, a autonomia, o suporte social, o bom relacionamento familiar/social e a resiliência (Prestes; Paiva, 2016).

Silva et al. (2021) mencionam que o protagonismo do idoso negro no século XXI parece passar invariavelmente pela defesa dos Direitos Humanos e pela luta Antirracista, mantendo-se, ao mesmo tempo, guardião de ricos saberes e propagador das expressões de seu povo. O desafio colocado para a população negra do Brasil passa pela luta pelo reconhecimento da riqueza da sua história e de sua enorme e permanente contribuição para a nossa sociedade.

O estudo de Pinheiro e Gomes (2020) evidencia a importância dos movimentos negros para o empoderamento das pessoas pretas, cita Braga (2015, p.21) para explicar que “[atualmente] assistimos à resignificação [...], partindo do momento em que o negro deixa de ser refém de uma identidade branca para se afirmar enquanto tal”. A mesma autora pontua também que as políticas de identidade promovidas pelos movimentos negros contribuem para a valorização da estética negra. Ou seja, existe um movimento que, além de ser político, ideológico e cultural, também se legitima pela valorização do corpo negro e pela busca de sua desestereotipação.

Nesse mesmo estudo, os autores citam que a *Negritude*, seja como órgão político-cultural ou enquanto desafio em se aperceber negro em meio a um projeto social que pretende a homogeneidade, tem o propósito de promover políticas a fim de traçar um perfil positivo da pessoa negra, enaltecer a sua trajetória e enfatizar a memória ancestral. Complementando sobre o papel do espaço acadêmico, os movimentos e as organizações político-ideológicas destinados à divulgação das produções artísticas e às experiências do público negro têm sido cruciais para a propagação de materiais da cultura africana e afro-brasileira (Pinheiro; Gomes, 2020).

Outra forma de empoderamento negro pode ser realizado na televisão, através das novelas e programas, Moratelli (2021) assevera que precisamos avançar nos conteúdos de representação e, desse modo, aglutinar determinadas classificações como regras e não como exceções. Sendo a nossa sociedade formada por uma miscigenação de diferentes povos, o que se traduz em uma sociedade reconhecidamente plural, mas também profundamente desigual, pode-se incluir como Narrativas de Exceção todos os tipos que vão além dos aspectos de raça: os aspectos de gênero (e toda as definições de diversidade sexual), os índios, as pessoas

obesas, as pessoas muito magras, os portadores de deficiência física, os imigrantes, entre tantos outros. Além, é evidente, dos idosos, que não estão no enquadramento central das narrativas.

Algumas das características mais notáveis dessas narrativas ficcionais permanecem historicamente pouco alteradas: a pequena participação de idosos nas tramas, baixa diversidade do ponto de vista temático da terceira idade, a assexualidade da velhice, um viés conservador na abordagem dos aspectos referentes à velhice e, como consequência, uma produção audiovisual orientada prioritariamente para jovens e permeável à influência da lógica de consumo. Ainda assim, percebe-se os novos rumos da ficção audiovisual televisiva para uma parcela de público cada vez mais abrangente e que não se confirma como exceção na vida social. Se a representação do negro começa a quebrar a “normalidade” de uma branquitude televisiva – uma conquista recente e ainda tímida –, é preciso avançar no espaço a ser destinado ao protagonismo idoso.

A internet é outra possibilidade que vem com um grande papel de divulgação da ancestralidade negra, as plataformas virtuais têm sido utilizadas por grupos de ativistas negras/os enquanto uma forma de divulgação de conteúdos que possam ser de interesse da população, uma vez que, como nos lembram Malta e Oliveira (2016), ainda que a inclusão digital não seja plena, a comunicação via internet vem possibilitando outras formas de sociabilidade e de discussões sociais. Vemos a construção de iniciativas individuais e coletivas para que negros e negras criem os próprios caminhos contra a exclusão, utilizando plataformas como as redes sociais para problematizar a imposição do padrão hegemônico de sujeito e reforçar as potencialidades dos seus corpos (Cornelio, 2020).

Concluimos, assim, que o racismo no Brasil tem como uma das inúmeras consequências a tentativa de apagamento das contribuições históricas e culturais da população negra ao longo da história. A mídia tem um papel crucial nesse processo, uma vez que, reproduz um padrão estético socialmente estabelecido pelo sujeito “ideal” branco, masculino, sem deficiência, heterossexual, cisgênero e jovem. Desta forma, são justificadas ações individuais e coletivas de negras e negros nas mobilizações de enfrentamento ao racismo por meio de alternativas diversas para alcançar aqueles e aquelas que foram silenciados e impedidos de viver plenamente a experiência do espaço público (Cornelio, 2020).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A análise da literatura neste trabalho examinou os componentes essenciais para inspirar crítica e incentivar o leitor a refletir, contribuindo com a representatividade de pessoas pretas na terceira idade. Entendemos como construção coletiva, o protagonismo e empoderamento de pessoas idosas negras no combate ao ageísmo anti-racista com ações que estejam direcionadas à efetividade de atravessamentos socioeconômicos, sociais e culturais da velhice negra.

É fundamental a construção de uma agenda de planos de ação segundo a Política Nacional de Saúde da População Negra, principalmente, por instituições de saúde direcionadas a atender pessoas idosas pretas. Como diria Lelia Gonzalez (2020), em termos de movimento negro se fala muito em ser sujeito da própria história, porém proponho que sejamos sujeitos do nosso próprio discurso, pois uma das formas de exercer autonomia é possuir um discurso sobre si mesmo. Discurso que se faz muito mais significativo quanto mais fundamentado no conhecimento concreto da realidade (Souza, 2021).

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, S. Racismo estrutural. . São Paulo: Pólen, 2019.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011. BRASIL, Ministério da Saúde. Política Nacional de Saúde Integral da População Negra : uma política para o SUS / Ministério da Saúde, Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa, Departamento de Apoio à Gestão Participativa e ao Controle Social. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2017.
- BRAGA, Amanda. História da beleza negra no Brasil: discursos, corpos e práticas. São Carlos: Edufscar, 2015.
- CORDEIRO, A. M., OLIVEIRA, G. M. D., RENTERÍA, J. M., & GUIMARÃES, C. A. (2007). Revisão sistemática: uma revisão narrativa. *Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgiões*, 34, 428-431.
- CORRÊA, M. M., & Simson, O. de M. von. (2021). A importância das atividades carnavalescas na vida dos idosos. *História Oral*, 24(1), 87–106. <https://doi.org/10.51880/ho.v24i1.1136>
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. PSICOLOGIA BRASILEIRA NA LUTA ANTIRRACISTA. 1º. ed. Brasília: CFP, 2022. v. 1p. 360

ELIAS, C. S. et al. Quando chega o fim? Uma revisão narrativa sobre terminalidade do período escolar para alunos deficientes mentais. SMAD: Revista Electrónica en Salud Mental, Alcohol y Drogas, v. 8, n. 1, p. 48-53, 2012.

FANON, F. Pele negra, máscaras brancas. Salvador: EDUFBA, 2008.

GONZALEZ, L. Por um feminismo afro-latino-americano. São Paulo: Zahar, 2020.

IBGE | Biblioteca | Detalhes | PNAD 2012 : Pesquisa nacional por amostra de domicílios. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?id=52969&view=detalhes>>. Acesso em: 15 nov. 2023.

JABERT, S. F. A ancestralidade é uma mulher negra: o protagonismo feminino na preservação das religiões de terreiro no Brasil. Anais do I Congresso Internacional Lélia Gonzalez. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2022.

CASTRO, A. M.; BONAN, C.; GAUDENZI, P. Mulheres dos cabelos brancos: velhices no mundo do samba. Seminário Internacional "Fazendo Gênero", v. 12, 2021.

MUNANGA, K. Negritude: usos e sentidos. 4ª edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

MORATELLI, V. Representação do negro na velhice. Temáticas, v. 29, n. 57, p. 208–234, 25 jun. 2021.

PORTARIA Nº 992, DE 13 DE MAIO DE 2009. Ministério da Saúde. [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2009/prt0992\\_13\\_05\\_2009.html](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2009/prt0992_13_05_2009.html). Acesso em: 8 nov. 2023.

SILVA, A. et al. Iniquidades raciais e envelhecimento: análise da coorte 2010 do Estudo Saúde, Bem-Estar e Envelhecimento (SABE). Revista Brasileira de Epidemiologia, v. 21, n. suppl 2, 2018.

SILVA, A. O. et al. Visibilidade do negro idoso por meio da sociopoética. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), v. 13, n. 36, p. 756–771, 30 maio 2021.

SOUZA, N. S. Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. 1ª edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

PRESTES, C. R. S.; PAIVA, V. S. F. Abordagem psicossocial e saúde de mulheres negras: vulnerabilidades, direitos e resiliência. Saúde e Sociedade, v. 25, n. 3, p. 673–688, jul. 2016.

PINHEIRO, V. R.; GOMES, P. DE F. Negritude(s) em cena: corporeidades e resistências nos poemas de Solano Trindade. Contexto - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFES, n. 37, 27 out. 2020.



RABELO, D. F. et al. Racismo e envelhecimento da população negra. Revista Kairós : Gerontologia, v. 21, n. 3, p. 193–215, 30 set. 2018.

MALTA, R. B.; THAÍSE, L. Enegrecendo as redes: o ativismo de mulheres negras no espaço virtual. Revista Gênero, v. 16, n. 2, 27 dez. 2016.

World Health Organization. Envelhecimento ativo: uma política de saúde. Organização Pan-Americana da Saúde. Brasília, 2005.